

ÍNDICE CULTURA página 2. PORTO página 4. EDUCAÇÃO página 6. DESPORTO página 7. ÚLTIMA página 8.

Faltam espectáculos de dança contemporânea no Porto página 2



Dança contemporânea vive “situação angustiante” no Porto

Mariana Duarte - jpn@icicom.up.pt



Mariana Duarte

Coreógrafos e programadores dizem que o Porto perdeu circuito regular de dança contemporânea. Iniciativas independentes não recebem apoio da câmara para uma programação contínua.

Entre coreógrafos e programadores, a opinião é unânime: faltam espectáculos de dança contemporânea no Porto. A concessão do Teatro Rivoli a Filipe La Féria é uma das razões fulcrais apontadas por todos. O teatro apostava numa programação regular de dança contemporânea e trouxe ao Porto nomes de referência internacionais, como Merce Cunningham, William Forsythe ou Trisha Brown.

As infra-estruturas e o conforto financeiro permitiam ao Rivoli ser uma montra para as criações dos coreógrafos nacionais e pôr o Porto na rota de passagem das grandes companhias de dança contemporânea.

“Era o espaço que melhores condições tinha para a apresentação de dança contemporânea. Não existe uma sala com aquelas características na cidade. Voltamos um pouco atrás, como quando era preciso ir a Lisboa ver os grandes espectáculos”, diz Isabel Alves Costa, antiga directora da instituição.

Independentes resistem

Existe no Porto um tecido de projectos independentes que se afirmam como espaços alternativos para a criação e divulgação da dança contemporânea. O Balleteatro, o Núcleo de Experimentação Coreográfica (NEC) e a Fábrica de Movimentos são algumas das iniciativas que trabalham na formação de novos artistas e de públicos, através de aulas, conferências, ateliês, residências e apresentação de trabalhos.

O circuito de apresentações sofre da falta de apoio financeiro da Câmara do Porto. “Existe vontade, iniciativas, não temos é um orçamento que nos permita investir tanto quanto queríamos na programação de dança contemporânea”, afirma Né Barros, coreógrafa e fundadora do Balleteatro.

Alberto Magno, programador da Fábrica de Movimentos, considera que a dança contemporânea “só se mantém no Porto graças ao apoio directo do Ministério da Cultura ou à insistência dos artistas, por-

que não há apoio autárquico”.

Falta de apoio do executivo de Rui Rio

No decorrer dos anos 90 até ao Porto 2001, o discurso autárquico assumia uma direcção diferente, refere Paulo Vasques, da direcção do NEC. O investimento da câmara na arte contemporânea funcionou como motor de oferta de uma programação “cada vez mais regular e abrangente”. O Porto 2001 representou o ponto alto desta atitude: “O Porto nunca conheceu uma dinâmica cultural tão especial, nomeadamente na área da dança contemporânea”.

As condições favoráveis possibilitaram o florescer de projectos como as Jornadas de Arte Contemporânea e “um trabalho de apresentação e de divulgação forte dinamizado pelo Balleteatro, pelo NEC e por Serralves”, explica Paulo Vasques. “Em 1999, 2000, 2001, tivemos [o Balleteatro] orçamento para trazer nomes como Jérôme Bel, Mathilde Monnier, nomes internacionalmente reconhecidos na dança contemporânea estiveram no Porto pela primeira vez pelo Balleteatro”, diz Né Barros.

Paulo Vasques detecta um virar de costas do executivo de Rui Rio “às políticas culturais”. “As estruturas do Porto, como o NEC, deixaram de contar com o apoio autárquico. Vive-se uma situação angustiante, porque é uma rejeição do trabalho que fazemos”, diz. O JPN contactou a Câmara do Porto e o Rivoli várias vezes, mas não obteve qualquer resposta.

Estes projectos independentes enfrentam não só a barreira económica, mas também a falta de meios logísticos para promover contextos de apresentação da dança contemporânea. “Temos de ter obrigatoriamente colaboradores para podermos apresentar a nossa programação”, esclarece Alberto Magno.

O Festival Fábrica, cuja 11a edição decorrerá em 2009, por exemplo, é dividido entre espaços como o Teatro Helena Sá e Costa, o Maus Hábitos e o Espaço 555.

Inexistência de uma grande estrutura

Projectos alternativos como o Núcleo de Experimentação Coreográfica (NEC), o Balleteatro e a Fábrica de Movimentos desenvolvem um papel significativo no apoio a artistas emergentes, na produção de fóruns de discussão sobre dança contempo-

rânea e na formação de públicos.

Mas não têm orçamento para fomentar a circulação de artistas nacionais, nem condições logísticas para trazer grandes companhias. Falta uma infra-estrutura dedicada “à programação de dança contemporânea”, diz Joclécio Azevedo, director do NEC.

“A programação é muito sazonal, com os festivais - que são poucos - e a falta de uma infra-estrutura como o Rivoli faz com que seja difícil uma actividade mais continuada”, reflecte.

A ausência de estruturas institucionais dificulta o processo de criar públicos para a dança contemporânea. Apesar de não se inserir no rótulo “cultura de massas”, a dança contemporânea não é elitista, considera Paulo Vasques, programador do NEC. “O circuito limitado é que pode fazer com que a torne elitista”.

“Houve sempre público quando a dança contemporânea se tentou afirmar: no Porto 2001, no Rivoli, nas Jornadas de Arte Contemporânea”, refere Joclécio Azevedo. Como o público não existe a priori, um circuito regular de espectáculos seria o elemento central para a sua criação.

As estruturas independentes empenham-se na divulgação da dança contemporânea, mas, como aponta Joclécio Azevedo, são sempre “espaços alternativos”. Não têm o potencial comunicativo de uma instituição, nem o “peso mediático”. Né Barros, coreógrafa do Balletteatro, considera que a imprensa podia desenvolver “um trabalho mais metódico na divulgação do que as estruturas fazem”.

Onde cabe a dança contemporânea?

Mariana Duarte - jpn@icicom.up.pt

Nenhuma instituição da cidade consegue colmatar a “saudade do Rivoli”. Dança ocupa lugar complementar nas programações.

Num momento em que o vazio deixado pela concessão do Rivoli a Filipe La Féria se faz sentir no circuito de espectáculos de dança contemporânea do Porto, surgem vozes críticas contra Serralves.

Né Barros, bailarina e coreógrafa do Balletteatro, considera que a fundação “podia desenvolver uma programação mais regular” de dança contemporânea. Paulo Vasques, da direcção do Núcleo de Experimentação Coreográfica do Porto (NEC), concorda: “a regularidade de programação de dança paralelamente aos ciclos de exposições perdeu-se um pouco”.

Cristina Grande, programadora de dança do Serviço de Artes Performativas de Serralves, afirma que a programação de dança contemporânea da fundação não diminuiu nem aumentou. Recorda que o auditório “não se esgota na dança” e que propostas desta área têm de “fazer sentido” articulados com as exposições.

A “saudade do Rivoli”

Cristina Grande compreende a “saudade do Rivoli”, mas salienta que Serralves nunca poderá substituir o teatro. Não só porque não é a missão da Fundação, mas também porque o auditório não tem condições logísticas para trazer grandes companhias - tem apenas 200 lugares - ideia que é partilhada por Paulo Vasques.

Nomes de referência internacional na área da dança contemporânea, como Trisha Brown ou Bill T. Jones, já passaram por Serralves. Cristina Grande diz que são companhias apropriadas para um grande auditório de 1000 lugares, pelo investimento financeiro e pelo público que chamam. O convite a estes criadores só se fez pois tinham uma ligação umbilical com “o contexto das exposições”.

Cristina Grande diz que gostava de levar mais dança a Serralves, mas refere que é preciso ter conta também os condicionamentos do orçamento.

A dança e os teatros

O Teatro Campo Alegre é apontado como uma das estruturas institucionais que poderia servir de braço à dança contemporânea. “É um espaço que poderia ter uma programação regular de dança contemporânea e também de música”, diz Cristina Grande.

Isabel Alves Costa é também da opinião que o teatro devia investir na área. “O Teatro Campo Alegre tem um óptimo palco”, refere a antiga directora artística do Rivoli. No entanto, o facto de ter uma companhia residente, a Seiva Trupe, faz com que o tempo para coincidir com o calendário das companhias “seja complicado”.

O Teatro Carlos Alberto (TeCA) e o Teatro Nacional São João (TNSJ) também são vistos como centros que podiam estimular o circuito da dança contemporânea no Porto. Mas, novamente, nenhuma das estruturas tem a capacidade tomar o papel desempenhado pelo Rivoli.

Segundo Isabel Alves Costa, a vontade dos programadores destes espaços institucionais está subordinada ao orçamento cedido pela Câmara e ao contexto financeiro em que vive. A autarquia faz o “esforço possível” no apoio à arte contemporânea, “certeza muito menor do que aquele que nós gostaríamos”, diz.

Cristina Grande confessa que gostava de ver o TNSJ a acolher a dança contemporânea. E adianta que a instituição tem como projecto para 2009 “integrar uma programação de dança contemporânea”.

Rua do Almada, dinâmica mas com “altos

Sara Santos Silva - jpn@icicom.up.pt

Comércio “alternativo” liderou revitalização da artéria, mas ainda são imensas as casas devolutas.

Quem percorre a Rua do Almada não pode ficar indiferente às cores vivas dos espaços renovados que contrastam com o aspecto mortiço das casas antigas e abandonadas.

Antigamente conhecida como centro de estabelecimentos de ferragens, pode-se agora encontrar uma panóplia de lojas “alternativas”. Em poucos anos, transformou-se numa zona frequentada por um público na sua maioria ligado às artes, atraído principalmente por discos de vinil, peças únicas de design e vestuário *vintage*.

Em 2003, com a abertura da Retroparadise, deu-se início a um novo ciclo na Rua do

Almada. No ano seguinte, apareceu a Louie Louie, em 2005, o espaço cultural 555 e, em 2006, a Casa Almada, o Maria Vai Com As Outras, a Embaixada Lomográfica, a Zona 6 e a Lost Underground. Desde então não abriram mais espaços. O 555 encerrou portas e a Louie Louie e a Embaixada Lomográfica desceram na rua e dividem agora uma nova loja.

“A Rua do Almada tem tido altos e baixos”, comenta Mariana Costa, uma das proprietárias da Zona 6, loja que grava e vende discos de vinil. Também Ana Caeiro, do Maria Vai Com as Outras (misto de loja, café e livraria), confessa que em dois anos nesta rua ainda não percebeu a sua verdadeira dinâmica.

O comércio “alternativo” liderou uma re-

vitalização da Rua do Almada, mas ainda são imensas as casas devolutas. “A verdade é que se a câmara se mexesse e pegasse nestes espaços, que estão devolutos, e os pusesse habitáveis, havia muito mais dinâmica nesta rua”, diz o proprietário da Louie Louie, partilhada por todos os outros comerciantes. “Fico muito espantada quando vejo a autarquia preocupada em construir isto e aquilo e incluir no plano de reabilitação da cidade várias ruas e uma que estava a ter um boom ser completamente esquecida. Foi aquilo que aconteceu”, critica Mariana Costa, da Zona 6.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2009/01/05/>

Nos últimos tempos não surgiram lojas novas na Rua do Almada



Voluntários tornam menos dura a vida dos sem-abrigo do Porto

Legião da Boa Vontade faz rondas todas as sextas e sábados para apoiar os sem-abrigo que vivem nas ruas do Porto. Não faltam voluntários, mas sim donativos e alimentos.

Melanie Antunes - jpn@icicom.up.pt

São 20h00. Os voluntários encontram-se em frente à Praça Velásquez e esperam que toda a gente chegue para começarem a ronda. Depois de toda a gente estar presente, seguem para uma residência da Legião da Boa Vontade (LBV) e começam a preparar os kits (com iogurtes, frutas e pão), a sopa, o leite, os cobertores e a separar roupa por géneros.

Este trabalho demora cerca de duas horas. Só depois de tudo estar devidamente arrumado nas carrinhas é que os voluntários estão prontos a começar. Na noite em que o JPN acompanhou a LBV, a Ronda da Caridade contou com a presença de crianças e adolescentes de uma Aldeia SOS.

Joaquim Sousa é o chefe da ronda, que ajuda cerca de 100 pessoas no Porto, e já faz parte desta instituição há quatro anos. Já trabalhou com várias organizações de solidariedade. O voluntariado é, para ele, uma experiência muito recompensadora: “enquanto cidadãos temos o dever de ajudar”.

Desde que a ronda começa que se vê que há uma familiarização ente os voluntários e certos sem-abrigo. Ana Correia, voluntária, ressalva isso como um aspecto positivo, que é o dos sem-abrigo reconhecerem o seu trabalho e de ver que algumas pessoas ficam agradecidas e dizem “obrigado”.

Alguns sem-abrigo também consideram os

voluntários como seus amigos. Entre eles está “João”, nome fictício, que já é auxiliado pela LBV há 18 anos. “João” revela uma relação próxima de Joaquim Sousa, que o descreve como uma pessoa por quem tem “muito respeito”.

“João” viveu um tempo em Espanha e lá também foi auxiliado por uma instituição de caridade, exceptuando que no país vizinho a ajuda era disponibilizada diariamente. Ambos os voluntários falam nessa necessidade de haver um entendimento entre as várias instituições, pois “as pessoas não comem só à sexta e ao sábado, também precisam de comer durante a semana”, refere Ana Correia.

Joaquim Sousa diz ainda que não há falta de voluntários na Legião. O que é preciso é “mais pessoas, ou mais entidades” que ajudem, “mais donativos para fazer a ronda” e alimentos.

Ana Correia também considera que existem voluntários suficientes, isto também porque “as pessoas têm cada vez mais consciência para este fenómeno que é cada vez maior em Portugal. Não é preciso vir à noite, basta vir de dia à Baixa do Porto para ver que as coisas estão cada vez pior”.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/12/30/>

Joaquim Sousa é um dos voluntários da Legião da Boa Vontade



Universidades do Porto e Aveiro vão ser fundações

JPN - jpn@icicom.up.pt

Assembleia Estatutária da UA tomou decisão por unanimidade. Na UP, houve dois votos contra.

As universidades do Porto (UP) e Aveiro (UA) aprovaram, a 22 de Dezembro de 2008, a passagem a fundações públicas de direito privado.

Na UP, a decisão foi tomada em reunião da Assembleia Estatutária com 17 votos a favor e dois votos contra, anuncia a instituição em comunicado. Os novos estatutos da UP foram aprovados por unanimidade.

“A Assembleia Estatutária decidiu aprovar a adopção do modelo fundacional pela Universidade do Porto por considerar estarem satisfeitas as condições colocadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior”, refere a nota de imprensa.

Será elaborado um contrato programa

com o MCTES para o reforço “das infra-estruturas e equipamentos, científicos e de ensino” e de “meios humanos qualidades”, bem como para “medidas específicas de apoio aos estudantes”.

Em Janeiro, a UP fez 15 exigências à tutela, nomeadamente um regime especial de IVA e possibilidade de regressar ao regime não fundacional.

2009, “ano especialmente exigente”

Em Aveiro, a aprovação da transformação foi decidida por unanimidade. No comunicado divulgado pela universidade, refere-se que o contrato-programa a assinar com o MCTES permite “o reforço das infra-estruturas e equipamentos, científicos e de ensino; a contratação de recursos humanos qualificados; o desenvolvimento de medidas específicas de apoio aos estudantes e à promoção da qualidade do ensino; o reforço de medidas transversais de ga-

rantia da qualidade”.

A reitora Maria Helena Nazaré refere que a “UA tem agora configurado um novo modelo de enquadramento, de governo e de organização, que visa proporcionar condições de médio prazo para a continuação da melhoria do serviço público prestado pela Universidade de Aveiro, em matéria de investigação, ensino e cooperação com a sociedade. A decisão hoje tomada marca o início de uma nova etapa: 2009 será um ano especialmente exigente, em que é necessário concretizar o processo de mudança”.

A possibilidade de as universidades se tornarem fundações públicas de direito privado foi consagrada no Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), instituído no ano passado.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/12/22/>

Salgueiros 08': Um novo nome, os mesmos adeptos

José Pedro Pinto - ljcc06050@icicom.up.pt

A fénix renascida é agora o símbolo de uma nova etapa no futebol sénior do velho "Salgueiral" e a média de adeptos presentes nos jogos ronda as 2 mil pessoas na 2a Divisão da AF Porto.

A 28 de Setembro, o Salgueiros regressou ao convívio do futebol sénior. Com nova designação, nova imagem e recomeçando do zero, no último escalão dos distritais da Associação de Futebol do Porto, o velho clube de Paranhos (que agora é novo) iniciou, com uma derrota diante do Parafada, uma nova fase de um clube que outrora militou junto dos grandes do futebol português.

O ano de arranque é anexado ao nome do novo "Salgueiral": o Sport Clube Salgueiros 08' surge pela impossibilidade do Sport Comércio e Salgueiros de inscrever novos jogadores. As dívidas por saldar as enormes dificuldades financeiras assim o exigem.

Com este cenário como pano de fundo, um conjunto de pessoas, anteriormente li-

gadas à estrutura do Sport Comércio e Salgueiros, deram o pontapé de saída neste novo projecto.

E o que é certo é que o Salgueiros 08' é já um fenómeno no panorama do futebol distrital nacional. São poucas as equipas que conseguem, na 2a Divisão dos denominados "regionais", encher campos reduzidos com cerca de 2 mil pessoas. Tem sido assim em todos os jogos do Salgueiros 08' esta temporada.

Os bons resultados que o novo emblema tem vindo a registar intensificam a autêntica romaria aos jogos - quer seja em casa (embora emprestada), na Senhora da Hora, quer seja nos campos dos adversários.

"Quando [o Salgueiros 08'] vai à Senhora da Hora, é uma média de 2.500 pessoas na assistência. É a alma salgueirista!", confirma Catarino Santos, adepto salgueirista que assistiu ao seu primeiro jogo da época quando o Salgueiros 08' venceu por 3-0 no terreno do Pasteleira.

Atrás de uma das balizas do estádio da Associação Desportiva e Recreativa Pastelei-

ra, a Alma Salgueirista, a claque do clube, entoava cânticos de apoio do início ao fim. A claque marca presença em todos os jogos. A sua líder, Rosa Fernandes, garante que o novo Salgueiros "tem tido um grande apoio" por parte dos adeptos.

O plantel luta pela subida na Série 1 da 2a Divisão, mas o objectivo, a médio prazo, passa por chegar aos campeonatos nacionais. A líder da Alma Salgueirista destaca a boa combinação entre jogadores jovens e atletas mais experientes e acredita, também, que "daqui a quatro, cinco anos", o Salgueiros 08' atingirá mesmo a III Divisão.

O jogo com o Pasteleira terminou com uma vitória por 3-0, num ambiente de autêntica festa. Apesar da derrota, a equipa da casa ganhou o dia: com cerca de 2 mil adeptos salgueiristas a ver o encontro e com uma boa receita de bar, os cofres do Pasteleira ficaram um pouco mais preenchidos.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/12/23/>

Salgueiros 08' é já um fenómeno no panorama do futebol distrital



José Pedro Pinto

FICHA TÉCNICA Director Rui Centeno. Coordenador Geral Fernando Zamith.

Chefe de redacção Pedro Rios. **Chefe de Redacção Adjunto** Tiago Dias.

Redactores Cláudia Sobral, José Pedro Pinto, Mariana Duarte,

Melanie Antunes e Sara Santos Silva

Design Gráfico Ana Gomes.

Armas Taser provocaram 334 mortos desde 2001 nos EUA

Cláudia Sobral - lcc07045@letras.up.pt

Os Estados Unidos e o Canadá são os países onde as armas de choques eléctricos têm causado mais problemas. Em Portugal, estas armas já foram usadas nove vezes.

As Taser (armas de choques eléctricos) já mataram 334 pessoas desde 2001 nos Estados Unidos da América (EUA). Estes são números divulgados pela Amnistia Internacional (AI) naquele que é o relatório mais recente sobre estas armas. Para contrariar estes números, as autoridades alegam que muitas destas mortes se devem ao consumo de estupefacientes.

“Less than Lethal?”, assim se chama o relatório, junta-se a outros avisos já feitos, tanto pela AI, como por outras organizações. O Comité Contra a Tortura da Organização das Nações Unidas também já se mostrou preocupado com este problema.

As Taser são armas supostamente não-letais, que através de descargas de energia, paralisam a pessoa atingida.

Usadas em situações desnecessárias

Acalmar indivíduos violentos sem ter de recorrer a disparos é o objectivo destas armas. O problema é que têm sido usadas em circunstâncias em que não se justifica recorrer ao seu uso, principalmente nos EUA e no Canadá.

“90% dos indivíduos que morreram na sequência de terem sido atingidos por uma Taser estavam desarmados e não aparentavam ou não representavam uma ameaça real”, segundo a AI.

A Taser International, empresa produtora das armas, insiste, segundo a CBC News, na ideia de que estas armas de atordoamento estão entre as opções de uso da força mais seguras. Segundo a AI, a empresa produtora afirma que as Taser são “seguras e não letais e que não estão abertas ao escrutínio”.

O relatório “Less than Lethal?” fala mesmo no uso de Taser contra crianças, idosos e deficientes. Isto quando estudos recentes provam que o uso destas armas é seguro apenas em adultos saudáveis.

Um dos casos que ficou mais conhecido foi o do polaco Robert Dziekanski, morto depois de ser atingido por choques eléctricos.

Quando a policia disparou, Dziekanski já não estava a ter um comportamento agressivo.

Uso de Taser aumenta no Canadá

De acordo com uma investigação feita pela rádio e televisão canadiana CBC News, o uso das Taser no Canadá aumentou para mais do dobro entre 2005 e 2007.

O Canadá é, a par dos EUA, um dos países em que o uso deste tipo de armas tem suscitado mais problemas.

Nos EUA, as Taser não são consideradas armas de fogo e podem ser usadas por civis na maior parte dos estados, segundo a CBC. Já no Canadá, há restrições ao uso deste tipo de armas, tal como acontece com as armas de fogo.

PSP e GNR também as usam

Em Portugal, a Policia de Segurança Pública (PSP) e a Guarda Nacional Republicana (GNR) dispõem deste tipo de armas desde 2006. Somam-se, ao todo, 88 armas de atordoamento por choques eléctricos.

As forças de segurança portuguesas já recorreram a Taser pelo menos nove vezes, segundo dados avançados pela Lusa. No entanto, só são utilizadas “em último recurso, antes de se recorrer às letais”, explica o comandante da Companhia de Operações Especiais da GNR, capitão António Quadrado, citado pela agência.

Explicou que quem utiliza estas armas tem formação específica e obedece a um conjunto de regras que define em que circunstâncias podem ser utilizadas.

